

DISCURSOS SOBRE A VOZ DO POVO: A FALA POPULAR NA RETÓRICA ANTIGA E NA MÍDIA CONTEMPORÂNEA*

Carlos Piovezani**

Talvez não fosse equivocado dizer que a fala e a voz humana são artes privilegiadas de preencher o tempo. Além da cronologia, o passado, o presente e o futuro estabelecem relações absolutamente intrínsecas e necessárias entre o discurso e a temporalidade. Entre outros dramas e condições, a memória, a atualidade e a antecipação do dizer carregam consigo e em seu cerne a inquietação de que nos fala Michel Foucault: “inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence” (2001, p. 8). Eis a perturbação produzida pelos tempos do discurso: não cabe aos falantes a condição fugaz ou perene do que enunciam. É nessa direção que pode mesmo ocorrer a conservação de aspectos do dizer que se estabelecem aquém e além das diferentes posições enunciativas dos sujeitos do discurso.

Em “A voz do povo”, Jean-Jacques Courtine (2015) nos ensina que, a despeito das consideráveis diferenças políticas entre o progressista Émile Zola e o conservador Gustave Le Bon, às quais poderíamos acrescentar de passagem seus distintos campos de atuação, a ficção e a psicologia, e seus desiguais estilos prediletos, as descrições do primeiro e as definições do último, ambos compartilham algo que os precedia e que infelizmente os sucedeu, a saber, um consenso sobre as multidões populares, sobre os riscos que elas representam, sobre as deficiências de

* Este texto apresenta resultados do projeto de pesquisa “Discursos sobre a voz na mídia brasileira contemporânea”, que é desenvolvido no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação da UFSCar e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo FAPESP 2014/09947-3).

** Professor doutor da Universidade Federal de São Carlos. Membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar e líder do Grupo de Estudos da Voz no Discurso (VOX/CNPq).

seus meios de expressão e sobre o modo como se deve lhes dirigir a fala, para mais bem conduzi-las.

Ressalvadas as devidas diferenças, para ambos, as massas seriam bárbaras, voláteis e irracionais. Após discorrer sobre algumas das que seriam as propriedades gerais das multidões, Le Bon passa a tratar de seus sentimentos e de sua moralidade. É nesse ponto que afirma o seguinte:

Várias características especiais das massas, tais como a impulsividade, a irritabilidade, a incapacidade de raciocinar, a ausência de julgamento e de espírito crítico, o exagero dos sentimentos, além de outras ainda, são igualmente observáveis em seres que pertencem a formas inferiores da evolução, tais como o selvagem e a criança. (Le Bon, 2003. p. 17)

A esses predicados nada nobres, seriam somados dois outros, de espaço e de gênero: “As multidões são irritáveis e impulsivas, sem dúvida, mas com grandes variações de grau. A diferença entre uma multidão latina e uma multidão anglo-saxã é, por exemplo, impressionante. [...] As massas são femininas, em todos os lugares do mundo; mas as mais femininas entre todas elas são as multidões latinas” (Le Bon, 2003, p. 19).

Numa lamentável consonância sobre as massas populares, conjugam-se às definições de Le Bon as descrições que Zola apresenta em *Germinal* dos mineiros e de suas companheiras, em particular:

As mulheres deliravam; Maheude perdeu sua paciência, tomada pela fome. Levaque estava uivando, a velha Brûlé estava fora de si, agitando seus braços de bruxa, e Mouquette estava tão excitada que gritava palavras impudicas para o orador. (Zola, 2000. p. 254).

É com base em tais consonâncias que Courtine (2015, p. 271) postula a existência de “um antigo, consolidado e duradouro imaginário sobre a voz do povo”, uma vez que isto já fora dito antes e o seria ainda repetido muitíssimas vezes mais depois de Le Bon e de Zola. Ainda segundo Courtine, nesse perverso consenso, repete-se incessantemente: “A multidão vocífera, protesta, geme ou delira – de raiva ou de prazer: a massa não fala” (2015, p. 271). Reitera-se assim sobre as populações pobres a imposição de porta-vozes e de chefes, dotados ao menos de duas capacidades fundamentais à dominação: a linguagem correta e conveniente e a força masculina de liderança.

Com base no pressuposto de que na construção discursiva das virtudes dos sujeitos de um grupo, de uma classe ou de uma comunidade, produz-se direta e/ou indiretamente a atribuição dos estigmas imputados a outros que lhes sejam exteriores e/ou estranhos, pretendemos apresentar aqui algumas formulações que reiteram e ampliam o alcance do antigo, consolidado e duradouro consenso sobre a voz do povo, tal como ele fora descrito e interpretado por Courtine (2015), que busca desacreditar e deslegitimar as manifestações populares. Trata-se de uma constância da diferença entre a precisão e sofisticação dos cultos e a incivildade e suscetibilidade dos iletrados, em cuja oposição articulam-se respectivamente as virtudes da beleza e os vícios da feiura, que são diuturnamente reafirmados em discursos que comentam e avaliam a voz humana.

1. Diversas vozes

Parece haver uma boa dose de variação nas definições consagradas à nossa voz e uma não menor diversidade no que já se disse a seu respeito. No intuito de apresentarmos brevemente algumas ocorrências dessas diferenças nos dizeres sobre a voz, transcrevemos abaixo uma série de acepções colhidas nos verbetes “voz” de dicionários de distintas épocas e lugares:

VOIX. s. f. Ar atingido e modificado que forma diversos sons, conforme passa por diferentes condutores da garganta dos animais ou dos homens. Há vozes articuladas, como a fala dos homens; há outras não articuladas, como os rugidos dos leões, o latido dos cães, o mugido dos touros e outros ainda que são completamente simples, uniformes e que não sofrem nenhuma variação, nem nenhuma mudança de tom, tal como os silvos das serpentes, etc.

A voz é empregada particularmente para a fala do homem. Este orador possui uma voz máscula e, no entanto, doce, agradável e sonora. Este comediante possui um belo porte de voz; ele eleva, abaixa e mantém convenientemente a voz. (*Dictionnaire universel*, de Antoine Furetière, 1690, p. 842)

VOZ. Som articulado na garganta, e na boca do animal, como a palavra, ou não articulado, porém vário, como o rugir do leão, o

ladrar do cão e o berrar do boi, etc.; ou totalmente uniforme e sem variação, como o assobiar das cobras e serpentes. Forma-se a voz do homem por este modo: sai o ar do peito, pelo côncavo da laringe, com maior ou menor compressão da epiglote, que cobre o buraco da laringe, e ferindo o ar na campainha da boca, dependurada no padar, se faz a voz, recebendo no mesmo tempo da língua (*Vocabulário portuguez e latino*, de Rafael Bluteau, 1712, p. 583)

VOICE, *n.s.* Som emitido pela boca. Ar sonoro que admite muita variedade, como nas vozes de criaturas vivas e nas vozes de vários homens, de modo que se possa discerni-los por suas diferentes vozes. (*A Dictionary of the English Langage*, de Samuel Johnson, 1755, p. 2219)

VOIX, *s. f.* 1°. Em geral e na acepção fisiológica, produção de um som na laringe. A voz é produzida pela passagem de ar na laringe, no prosseguimento da impulsão da coluna aérea proveniente do movimento de expiração; ela está destinada a colocar o animal em relação com os outros seres dotados do sentido da audição. 2°. Particularmente, som que é produzido pela laringe humana. “Não há menos eloquência no tom da voz, nos olhos e no ar da pessoa do que na escolha de suas palavras.” La Rochefoucault, *Maximes*, na entrada *eloquência*. (*Dictionnaire de la Langue Française*, de Émile Littré, 1889, 2530)

VOZ *s.f.* 1 *som musical* produzido por vibrações nas pregas vocais, no ser humano e em muitos mamíferos que também as possuem, e que é usado como meio de comunicação e expressão de emoções, no riso, no choro, na fala, no canto etc. (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, 2001, p. 2883)

Se as acepções nos verbetes acima já nos dão indícios da heterogeneidade dos sentidos atribuídos à voz – visto ser ela definida como “Ar atingido e modificado que forma diversos sons”, como “Som articulado na garganta, e na boca do animal, como a palavra, ou não articulado, porém vário”, como “produção de um som na laringe”, como “Ar sonoro que admite muita variedade, como nas vozes de criaturas vivas e nas vozes de vários homens, de modo que se possa discerni-los por suas diferentes vozes” e como “*som musical* produzido por vibrações nas pregas

vocais, no ser humano e em muitos mamíferos que também as possuem” –, em passagens de textos de outros gêneros e oriundos de diferentes campos de saber, somos confrontos com uma sua ainda maior diversidade. Em tais excertos as dimensões articulatória e acústica encontram-se mais ou menos presentes, mas estão praticamente subsumidas em funcionamentos de outra natureza e alcance. Seja na retórica, seja nas ciências naturais ou ainda na literatura e na filosofia, a voz tornou-se objeto de discurso, sendo em princípio focalizada sob ângulos bastante diversos:

A ação consiste no uso da voz, tal como se deve servir-se dela para exprimir cada paixão, ou seja, quando se deve empregar a forte, a fraca e a média, como devem ser utilizadas as entonações, a saber, a aguda, a grave e mediana, e ainda a quais ritmos se deve recorrer para a expressão de cada sentimento. [...] Pode-se praticamente afirmar que é por tais meios que se conquistam os prêmios nos concursos e que, por essa mesma razão, os atores fazem mais sucesso que os poetas; é também o que ocorre nas assembleias da cidade, tendo em vista a imperfeição de suas constituições (Aristóteles, 2003, III, 1, 1403b).

Quanto à pronúncia, ela possui uma eficácia e um poder surpreendentes no discurso: a qualidade do que nós compusemos em nosso espírito importa menos do que a maneira pela qual nós o exprimimos. Com efeito, a emoção do interlocutor depende do que ele ouve. [...] Toda ação comporta dois elementos, a voz e o gesto, que agem um sobre os olhos e a outra sobre os ouvidos; ou seja, os dois sentidos pelos quais toda impressão penetra na alma. É preciso falar antes da voz, à qual mesmo o gesto está subordinado (Quintiliano, XI, 3, 2 e 14).

Em algumas espécies de quadrúmanos existe uma grande diferença entre machos e fêmeas adultos, relacionada com o timbre e a intensidade da voz, e com o desenvolvimento dos órgãos vocais. O homem parece ter herdado de seus ancestrais essa diferença. Em comparação com as cordas vocais de mulheres e das crianças, as do homem adulto são cerca de um terço mais compridas (Darwin, 2004, p. 499).

Reclamaram mais música e receberam-na. Uma voz humana brotou da arca, voz máscula, ao mesmo tempo macia e poderosa,

acompanhada por uma orquestra. Era um barítono italiano de grande fama. Desta vez já não se podia falar de distância e de véus abafadores. A magnífica voz ressoava na plenitude natural do seu volume e vigor. [...] Cantava na sua língua materna, uma *aria di bravura*: “*Sono un barbieri, di qualità, di qualità! Figaro, qua, Figaro la, Figaro, Figaro, Figaro!*” Os ouvintes quase morriam de riso, ao escutar o *parlando* em voz de falsete e ao notar o contraste entre a voz potente e a vertiginosa desenvoltura da língua (Mann, 1952, p. 775).

A voz é o nome desse elemento, cuja fenomenalidade não corresponde a algo mundano. Escuta-se a voz. Os signos fônicos são “ouvidos” pelo sujeito que os profere na proximidade absoluta de sua presença. O sujeito não precisa sair de si para ser imediatamente afetado por sua atividade de expressão. Minhas falas são “vivas”, porque elas parecem não me deixar: não parecem cair fora de mim, fora de meu sopro, num distanciamento visível; elas não cessam de me pertencer, de estarem à minha disposição, sem acessório. Assim se dá, em todo caso, o fenômeno da voz, a voz fenomenológica.” (Derrida, 1967, 14, 16, 85).

A enunciação e a instância de discurso não são identificáveis como tais senão através da voz que as profere, e, somente supondo nelas uma voz, algo como um ter-lugar do discurso pode ser mostrado. [...] A voz situa-se em uma dimensão ontológica fundamental. [...] assim considerada, mostrar-se-á como pura intenção de significar, como puro querer-dizer, no qual alguma coisa se dá à compreensão sem que se produza ainda um evento determinado de significado.” (Agamben, 1985, p. 52-53).

Na *Retórica*, de Aristóteles, e nas *Instituições oratórias*, de Quintiliano, encontramos respectivamente a descrição dos componentes vocais, a prescrição de como o orador se deve servir da voz na expressão distinta de cada paixão e a indicação da sedução exercida por ela e do sucesso que se pode obter por seu uso, no primeiro; e a reiteração dessa sedução e desse poder, que ultrapassam as forças do verbo e do gesto, no segundo. Já em *A origem do homem*, de Charles Darwin, e em *A montanha mágica*, de Thomas Mann, assinalam-se as diferenças entre (i) a extensão das cordas vocais e a potência da voz nas mulheres e crianças, de um lado, e nos homens, de outro; (ii) a masculinidade e a maciez;

(iii) o vigor e o falsete; (iv) a emissão sedutora e a escuta seduzida; e (v) a língua materna e desenvolta e a voz potente. Por fim, enquanto em *A voz e o fenômeno*, de Jacques Derrida, observamos uma crítica a um dos traços da razão ocidental, que faz corresponder a elocução da voz à presença e à existência imediata do ser, em *A linguagem e a morte*, de Giorgio Agamben, indica-se tanto a condição negativa da voz humana, que já não é mais o equivalente a um ruído qualquer ou aos sons fonéticos produzidos por outros animais, mas que ainda não é em si a linguagem duplamente articulada, que combina segmentos sonoros destituídos de significação, cuja soma regulada por regras da língua produz unidades dotadas de sentido; quanto seu estatuto positivo de marca do “ter-lugar do discurso”.

2. Antigas, modernas, consolidadas e duradouras difamações da voz do povo

A forma tal como como a tradição retórica fala da voz humana parece confirmar emblematicamente nossa hipótese a propósito dos discursos e enunciados a seu respeito. Fundamentados no pressuposto de que, a despeito da onipresença da atividade epilinguística na fala humana, ou seja, da faculdade que faz com que constantemente falemos de nossa própria fala, a voz não está com frequência presente em nosso dizer sobre o dizer, avançamos a suposição segundo a qual a relativamente exígua emergência de discursos sobre a voz tende a ser contrafeita em ocasiões em que pese sobre ela perigos reais ou imaginários e/ou nas quais ela concentre em si algum poder mais ou menos considerável (Piovezani, 2011, 2014). Desde a retórica antiga, observamos a reiteração de grandes potências e eficácias atribuídas à *actio*; ao dizê-lo e repeti-lo, os retores fizeram-no, sublinhando sua ascensão sobre as demais partes e técnicas da *ars bene dicendi* persuasiva. Vejamos alguns exemplos dessa ideia:

Porque não é suficiente estar de posse de bons argumentos para produzir o discurso; é ainda necessário apresentá-los como se deve, visto que isso contribuirá decisivamente para que o discurso tenha este ou aquele caráter. Seguindo a ordem natural, nós inicialmente tratamos do que naturalmente ocupa o primeiro lugar,

a saber, o que confere às próprias coisas seu caráter persuasivo; em segundo lugar, vem o valor que se atribui ao estilo; a terceira parte, aquela que possui a maior eficácia e à qual ainda não foi dedicado um estudo específico, compreende tudo o que concerne à ação. [...]

A ação consiste no uso da voz, tal como se deve servir-se dela para exprimir cada paixão. (Aristóteles, 2003, Livro III, 1, 1403b)

É a ação, sim, é a ação que, na arte oratória, desempenha verdadeiramente a função preponderante. (Cícero, *De l'orateur*, Livro III, cap. LVI, 213)

Quanto à pronúncia, ela possui uma eficácia e um poder surpreendentes no discurso: a qualidade do que nós compusemos em nosso espírito importa menos do que a maneira pela qual nós o exprimimos. (Quintiliano, XI, 3, 2)

Além de uma confirmação de nossa hipótese, poderíamos, em princípio, depreender dessas passagens dos retores clássicos um elogio à voz. Contudo, ao invés de constatarmos e repetirmos essa evidência, julgamos ser mais necessária e produtiva a tentativa de demonstrar que aí está também em jogo o fundamento de um estigma de longa duração. Para fazê-lo, basta que examinemos as relações de equivalência e enca德amento entre os enunciados acima, nos quais se manifestam o que se poderia supor como uma exclusiva apologia da voz, e outros que se encontram nesses mesmos clássicos da retórica antiga. Não sem o risco de recair em certo anacronismo, julgamos que a instauração dessas relações permite que interpretemos a alusão de Aristóteles a Górgias e à audiência como duas faces de um mesmo preconceito: a sofística populista, de um lado, cuja fala busca agradar o povo, e a natureza volátil, suscetível e irracional da escuta deste último. Nessa direção, o estagirita estará na boa companhia de Cícero:

Pode-se praticamente afirmar que é por tais meios (volume, entonação e ritmo) que se conquistam os prêmios nos concursos e que, por essa mesma razão, os atores fazem mais sucesso que os poetas; é também o que ocorre nas assembleias da cidade, tendo em vista a imperfeição de suas constituições.

A arte da ação oratória ainda não foi constituída [...]. Tal arte, nos parece, aliás, grosseira, se a julgamos com o bom senso. Porém, uma vez que em toda sua extensão a retórica somente dedica-se à opinião, será preciso, ainda que isto não seja o ideal, mas o seja imperativo, atribuir à ação os cuidados necessários; porque, com estrita justiça, não deveríamos de modo algum buscar, no que diz respeito ao discurso, despertar pena ou prazer; porque as únicas armas com as quais deveria ser justo lutar seriam os fatos, de modo que tudo o que não correspondesse à demonstração dos fatos devesse ser considerado supérfluo. Contudo, a ação possui, conforme dissemos, um grande poder na perversão do auditório. [...] Aliás, a ação é, antes, um dom da natureza; ela é bastante estranha à técnica [...]. É por essa razão que aqueles que são dotados de talento conquistam os prêmios, tal como fazem os oradores naturalmente talentosos quanto à ação. [...]

De modo análogo ao que já ocorria com os poetas, que, não obstante a insignificância do que diziam, pareciam sempre atingir a glória pela maneira de dizê-lo, o estilo dos oradores foi inicialmente poético, como o de Górgias; e ainda hoje a maioria das pessoas incultas pensa que oradores desse gênero falam magnificamente (Aristóteles, 2002, III, 1, 1403b).

Acrescento que, em tudo aquilo que se refere à ação, reside uma certa força natural; também está aí o que toca sobretudo os ignorantes e até os bárbaros. As falas agem unicamente sobre aqueles que se encontram reunidos em uma comunidade linguística; frequentemente, pensamentos refinados passam além da compreensão das gentes a quem falta o refinamento; já a ação, que expressa fora do corpo as emoções da alma, emociona a todos, porque são as mesmas emoções da alma que experimentam todos os homens (Cícero, *De l'orateur*, Livro III, cap. LIX, 223)

Os tempos e lugares desempenham aqui importante função no estabelecimento de uma clivagem fundamental: a oralidade precede a escrita e se inscreve no espaço da natureza, ao passo que a escrita sucede a oralidade e se localiza exclusivamente no plano da cultura. À sobreposição da cultura diante da natureza soma-se uma sucessão que é ascendência. Mas talvez aí resida uma clivagem ainda mais profunda: a que opõe no seio da democracia grega e da república romana uma aristocracia ilustrada a uma plebe analfabeta. Desse modo, a ação oratória

e em seu interior os usos da voz tornam-se superiores a outros domínios e recursos retóricos, simplesmente porque o público ouvinte estaria aquém dos bons níveis de raciocínio lógico e da sofisticação erudita. A natureza e a cultura voltariam a aparecer, desta feita, em Quintiliano: “Cremos que não existe perfeição onde a natureza não for ajudada pelo trabalho. Mesmo uma voz isenta de defeitos naturais não será suficiente para o desempenho de uma ação oratória excelente.” (Livro XI, 3, 13). Por isso, tornam-se necessários o trabalho, a técnica e as normas:

As regras para a pronúncia são as mesmas que aquelas para o próprio estilo. Este último deve ser correto, límpido, elegante e bem adaptado; do mesmo modo, a ação oratória será correta, ou seja, sem defeitos, se a emissão da voz for fácil, nítida, agradável, bem romana, isto é, sem sotaque campesino nem estrangeiro. [...] porque os homens se reconhecem por suas diferentes maneiras de pronúncias, assim como reconhecem o bronze por seu timbre. (Quintiliano, *Inst. orat.* XI, 3, 30-31)

Se não seguissem essas regras, o orador e os ouvintes seriam, como foram e como ainda o são, estigmatizados. Em Aristóteles, encontramos a afirmação de que “os oradores incultos persuadem melhor as massas populares do que os ilustrados; os incultos são mais bem versados na arte de falar diante das multidões” (*Retórica*, Livro II, cap. 22, 1395b). Ainda segundo o filósofo grego, isso também ocorreria, “porque enquanto aqueles, os ilustrados, formulam proposições unânimes e gerais, estes, os incultos, enunciam proposições que são conhecidas de seu auditório”. (Ibid., Livro II, cap. 22, 1395b). Não nos parece ser exagero ver no artigo de Ruth de Aquino, publicado aos 30 de março de 2012 na revista *Época*, os ecos e a perpetuação desse antigo preconceito sobre a voz e a escuta dos oradores e dos auditórios populares¹:

O presidente que cometeu mais gafes na história do Brasil conseguia quase sempre roubar a cena ao abrir a boca. [...] Sua voz rouca, com erros de português, metáforas de futebol e piadas do povão, era o elo com a massa, na versão sindicalista exaltado ou do lulinha paz e amor. O Brasil teve outros oradores inflamados [...] [que] se expressavam com vigor também na escrita. Lula não.

¹ Em Piovezani (2015), discorreremos sobre esses preconceitos em relação à fala popular, em geral, e à voz de Lula, em particular.

Exerce uma liderança oral. A maioria da população brasileira não domina a palavra escrita. [...] Num país assim, a voz é hipervalorizada como capital simbólico. Lula sempre falou demais.

Aos preconceitos de classe, que se constroem seja pela euforia com que se caracterizam uns (“correto, límpido, elegante e bem adaptado”; “a ação oratória será correta, ou seja, sem defeitos, se a emissão da voz for fácil, nítida, agradável, bem romana”) seja pela disforia atribuída a outros (“sotaque campesino” ou “estrangeiro”; “gafes”; “erros de português, metáforas de futebol e piadas do povão”; “A maioria da população brasileira não domina a palavra escrita”; “Lula sempre falou demais”) e por seu direto ou indireto cotejamento, somam-se os de outras ordens. Aí não existem triagens puras nem fronteiras intransponíveis e bem estabelecidas, que pudessem isolar ou enfraquecer os julgamentos que enobrecem ou difamam a língua e a voz de seus falantes; antes, ocorre o inverso: a condição socioeconômica incide sobre os níveis de instrução, que também incidem sobre a pertença às classes sociais; estas e a instrução incidem sobre as procedências regional e/ou étnica, que, por sua vez, não passam ilesas pelos gêneros masculino e feminino...

Na construção e na conservação dos preconceitos acerca da voz, além da conveniência das clivagens e dos liames, funcionam as idealizações, uma vez que, de modo análogo ao que acontece com as avaliações e autoavaliações dos usos linguísticos em geral, há superestimação das supostas correções e subestimação dos pretensos defeitos dos usos próprios e alheios da voz. Há forte tendência de superestimação entre os que julgam dominar a chamada norma culta e de subestimação entre os que julgam não a dominar. Conjuga-se contraditoriamente com esse funcionamento aquele segundo o qual se atribui o sotaque à voz do outro e o “grau zero” da pronúncia à própria voz. Tal modo de proceder parece estender-se até as bastante excepcionais ocasiões em que ouvimos nossa própria voz, numa escuta intermediada por sua gravação e por sua reprodução em aparelhos tecnológicos. Em suma, as triagens e as misturas desempenham importantes papéis na exaltação e na difamação de línguas, falas e vozes de diversas comunidades e de distintos segmentos desvalidos de uma sociedade.

3. Pela quebra do coro perverso

Assim como já se disse que o futuro dura muito tempo, poderíamos dizer que o passado igualmente persiste longamente no andamento da vida; os estigmas, por sua vez, parecem tender a não prosseguir muito menos. Sabemos que nas relações do tempo com o discurso, há identidades e diferenças, efemeridades e perpetuamentos, repetições e transformações nos dizeres, nos sentidos e nos sujeitos. Um tal aspecto do funcionamento discursivo impõe ao menos duas considerações: a condição necessária dessas propriedades do discurso, o dado e o novo, não corresponde a um perfeito e estável equilíbrio em seus estados e alcance ou a uma constância em sua distribuição, porque os enunciados apresentam ora maior ou menor continuidade ora maior ou menor ruptura com os já-ditos. Decorre daí que o entusiasmo acomodado de alguns de nós que repetem “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” e “Onde há poder, há resistência”, produzindo não raras vezes o efeito de uma naturalização das novidades igualitárias e das resistências libertadoras, deveria ser substituído pela compreensão de que estas últimas não são fenômenos naturais nem consequências lógicas das estratégias de poder, cujas existências e emergências seriam promovidas sem lutas árduas e constantes. Um uso mais ou menos metafórico do par *natureza/grau* pode contribuir para esclarecer essa nossa ideia: se a estrutura e o acontecimento são componentes da natureza do discurso, os graus de suas presenças e medidas não são garantidos nem previsíveis.

Por sua vez, a segunda consideração diz respeito ao fato de que há também em nosso campo de conhecimento uma relativa estabilização e certa essencialização do caráter positivo das novidades na produção discursiva. Com alguma frequência, observamos alentos e euforias diante de maiores ou menores diferenças do dizer, que se comprovam com a efervescente moda de noções como as de “acontecimento” e “heterogeneidade”. Tudo se passa como se essa valorização da novidade não fosse por vezes também ela um efeito ideológico. A estranheza e a incoerência desse cenário ainda recrudesce porque amiúde os arautos e entusiastas das novidades são os mesmos que se limitam a recitar o que disseram seus mestres de pensamento prediletos. Não há dúvidas de que tais noções representaram uma importante conquista teórica e opera-

cional, desde que fossem empregadas com rigor e consistência, para os estudos do discurso, quando estes tendiam a privilegiar homogeneidades e regularidades discursivas, em detrimento de nuances do que e do como se diz e dos modos de circulação desses dizeres; porém, o exercício de demonstrar e analisar as continuidades na história e as homogeneidades no discurso parece ter se tornado antiquado e inócuo. Ora, as formas de dominação e as de emancipação não se comprometem exclusivamente nem com as identidades nem com as diferenças e tampouco se limitam a repetições e transformações. Nossas lutas contra as sujeições e explorações de toda ordem devem por isso primar pela desconstrução das evidências opressoras, que se produzem tanto em afirmações de sua continuidade quanto em declarações de sua ruptura em relação a outras práticas do passado e do presente.

Buscamos aqui apontar sumariamente alguns sentidos diversos atribuídos à voz humana (“produção de um som na laringe”; veículo privilegiado das paixões da alma, dotado de volumes, entonações e ritmos distintos; primeiro e mais importante dos caracteres sexuais secundários; “ar sonoro que permite discernir os homens por suas diferentes vozes”; elemento fundamental da sedução, do fonologocentrismo e de uma ontologia entre o nada, o ruído e o ser; para pudéssemos em seguida apresentar certos consensos em discursos sobre a voz, nos quais se encontram estigmas e preconceitos atribuídos à voz das massas populares. Vimos ainda que os constantes e intensos elogios à voz formulados pelos retores antigos podem ser interpretados como um julgamento e uma condenação da fala dos “oradores incultos” e da escuta das multidões “iletradas”. Como sabemos, esses julgamento e condenação não ficaram no passado; seus ecos e reatulações constantes continuam a ser decisivos para macular e deslegitimar as lutas e reivindicações feitas por vozes que trazem em suas forma e substância sonoras as marcas das classes, dos gêneros, das idades e dos lugares quase sempre sem reconhecimento e privados de prestígio. Ao ouvirmos a persistência desses ecos e identificarmos sua força e seu alcance em nossos dias, torna-se cada vez mais necessária a produção de dissidências e dissonâncias nessa harmonia tão perversa.

Terríveis e necessários choques de realidade muito frequentemente nos são dados pela ficção. Se a voz desempenha um papel fundamental

na construção da magia da aristocrática montanha retratada por Thomas Mann, principalmente na memória de Hans Castorp em cujas lembranças afetivas ressoam “aquela voz agradável, velada e um tanto rouca” de Pribislav Hippe e de Cláwdia Chauchat, não cumpre função menor no sofrimento das gentes tristes das periferias desvalidas e indigentes, de que fala Albert Camus. Em ambos, portanto, atribui-se à voz uma considerável importância na vida humana, ou seja, compartilham um discurso segundo o qual a voz exerce ação crucial na constituição das relações humanas, na consistência e no esgarçamento dos laços sociais. Nem por isso, contudo, dizem exatamente algo idêntico sobre a voz nem tampouco tratam e retratam as mesmas condições de produção. Longe dos Alpes e também distante do subúrbio da Argélia, no sertão nordestino de *Vidas Secas*, caracteriza-se o protagonista pelo silêncio, pela língua e pela voz em seus encontros e confrontos com seu Tomás da bolandeira, com o patrão atual e consigo mesmo, nos quais se destacam sua revolta, mas principalmente a dominação que se lhe impõe:

-- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. [...] como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

-- Você é um bicho, Fabiano. (Ramos, 1997, p. 18)

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. [...] Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. [...] Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (Ibid., p. 19-20)

Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Porquê? Só se era porque lia demais. [...] Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.

Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam? (Ibid., p. 21-22)

O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? (Ibid., p. 22-23).

O corpo, a voz e a alma de Fabiano, entre outros sofrimentos, são espezinhadados pelo soldado amarelo, que lhe dá dois empurrões, que lhe dirige a fala aos brados e o insulta, ao passo que ele afirma estar quieto, gagueja e engasga-se; vai para a cadeia, ouve a acusação que não entende, apanha e é aprisionado. Fabiano revolta-se e sofre em silêncio: “Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças.” (Ramos, 1997, p. 33). Violências e injustiças dessas e de outras ordens também ocorrem na periferia argelina ou em qualquer outro lugar desprovido. Em “As vozes do bairro pobre”, de Camus, lemos relatos daqueles cuja dor de não serem ouvidos representa o ápice pungente de uma vida espinhosa. “A primeira é a voz da mulher que não pensava em nada” (1972, p. 260); estamos diante de uma viúva, pobre, dominada pela mãe e explorada pelo trabalho. No raro momento em que um de seus filhos lhe dá alguma atenção e lhe pergunta “Em que pensas?”, a soma das dores lhe faz responder simples e tristemente “Em nada.” Essa soma faz com que ele saiba que “Sua mãe continuará a ter

os mesmos silêncios.” (Camus, 1972, p. 262-263). Em seguida, “há a voz daquele homem que nascera para morrer”. Na tentativa desesperada de ser ouvido, “não fazia a menor pausa entre suas narrativas”, “apressado em dizer tudo antes que o deixassem só. [...] Fazer-se ouvir era o único vício, graças ao qual ele ignorava a ironia dos olhares e as interrupções bruscas e zombeteiras”. Embora falasse muito, “sua voz ensurdecida” se perdia sem escuta. “Não mais ser ouvido: é isso que é terrível quando se é velho. Condenavam-no ao silêncio e à solidão.” (Ibid., p. 264-265).

Havia ainda a voz de uma mulher pobre, solitária, amedrontada e oprimida pelo “irmão que era surdo, mudo, mau e idiota”; acompanhada pela música de *O canto do rouxinol*, “contara toda a sua história com uma voz monótona. Agora essa voz deixava adivinhar as lágrimas que aquela mulher, cada vez mais invadida por um sentimento de abandono, oferecia às chagas com que Deus coroa os seus preferidos, e a sua voz, de tão surda, tornava-se pura” (Camus, 1972, p. 269), em função do acompanhamento musical, mas principalmente do seu grande sofrimento. Finalmente, “vem a voz da velha doente que deixavam sozinha para irem ao cinema”. Sua triste sina sofreu ainda pior derrocada, quando “fora atacada por uma doença da qual pensou não escapar viva. Todo o lado direito ficara paralisado.” (Ibid., p. 271). A doença agrava-lhe os desgostos da vida, porque era “remexida e palradora” e “ficara reduzida ao silêncio e à imobilidade.” Era “muito ciosa de sua independência”, mas agora passara a viver “à custa do trabalho da filha.” (Ibid., p. 271). A dependência e o silêncio lhe intensificavam a angústia: “Ninguém lhe falava. [...] Era melhor que acabasse de uma vez. Porque ela preferia morrer a estar a cargo de alguém. A sua voz tinha-se feito quezilenta. Era uma voz de regateira de mercado.” O único que lhe dera ouvidos e que “sentia-se diante da provação mais terrível que tivera até então: uma velha doente que se abandona para se ir ao cinema”, já a caminho do espetáculo na sala escura, era tomado por “um remorso tenaz”, que consistia na “asneira de se ter mostrado sensível” (Ibid., p. 274-275).

Em meio a outras inquietações produzidas pelo discurso, Foucault nos fala daquela com a qual iniciamos este texto, a da sua “*existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence*”. Se essa propriedade do discurso assim genericamente descrita já nos perturba, deveríamos muito mais nos afligir com

a consistência e a tenacidade do fato de que, quando os homens e as mulheres do bairro pobre conseguem a duras penas ultrapassar o silêncio e falar, com grande frequência “suas vozes apagam-se lentamente, progressivamente” (Camus, 1972, p. 276). Se nos fosse permitida uma ligeira, mas importante retificação às palavras de Camus, na direção das reflexões que fizemos aqui, diríamos o seguinte: repetida e insistentemente essas vozes não tendem a se apagar de modo espontâneo, mas são apagadas por uma série de terríveis formas de opressão; e seu apagamento não costuma se dar de maneira lenta, mas imediatamente, porque os estigmas que lhes são impingidos perseveram em infamá-las e em deslegitimá-las no próprio átimo da manifestação de suas frequentes dores, de suas justas reivindicações e de suas raras alegrias na experiência de uma verdadeira cidadania.

Referências

- AGAMBEN, G. *A linguagem e a morte*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- ANGENOT, M. *O discurso social e as retóricas da incompreensão*. Organização e apresentação de Carlos Piovezani. São Carlos: EdUFSCar, 2015.
- ARISTÓTELES. *Rhétorique*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- BLUTEAU, R. *Vocabulário português e latino*. Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.
- CAMUS, A. As vozes do bairro pobre. In: _____. *Cadernos de Albert Camus*. Vol. II. Escritos da juventude. Lisboa: Livros do Brasil, 1972. p. 260-276.
- CÍCERO. *De lorateur*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- COURTINE, J-J. A voz do povo: a fala pública, a multidão e as emoções na aurora da era das massas. In: COURTINE, J-J.; PIOVEZANI, C. *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 261-289.
- DARWIN, C. *A origem do homem e a seleção sexual*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.
- DERRIDA, J. *La voix et le phénomène*. Paris: PUF, 1967.
- FURETIÈRE, A. *Dictionnaire universel*. Haia/Roderdã: Arnold & Renier, 1690.
- LITTRÉ, É. *Dictionnaire de la Langue Française*. Paris: Hachette, 1889.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2001.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JOHNSON, S. *A Dictionary of the English Language*. Londres: J. Knapton, C. Hitch et. al., 1755.
- LE BON, G. *Psychologie des foules*. Paris: PUF, 2003.
- MANN. T. *A montanha mágica*. São Paulo: Círculo do Livro, 1952.

- PIOVEZANI, C. Usos e sentidos da voz no discurso político eleitoral brasileiro. *Alfa* (Revista de Linguística da UNESP). São Paulo, v. 55, n. 1, p. 163-176, 2011.
- PIOVEZANI, C. Compreender e desvelar posições e estratégias da mídia com Foucault: uma análise de discursos da imprensa brasileira sobre a voz de Lula. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. *Presenças de Foucault na Análise do Discurso*. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 175-202.
- PIOVEZANI, C. Falar em público na política contemporânea: a eloquência *pop* e popular brasileira na idade da mídia. In: COURTINE, J-J.; PIOVEZANI, C. *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 290-337.
- RAMOS, G. *Vidas Secas*. 72.ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- QUINTILIANO. *Institution oratoire*. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- ZOLA, E. *Germinal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.